

O DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO EM *HOMOSEXUALISMO E ENDOCRINOLOGIA* (1938): REPRESENTAÇÕES DE “SUJEITO ANORMAL”

Gabriel BEZERRA¹
Jocenílson RIBEIRO²

Resumo: A presente comunicação tem como objeto apresentar uma análise da obra *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938), do médico legista brasileiro Leonídio Ribeiro, em que uma série de imagens representa sujeitos definidos como ‘criminosos’ e ‘delinquentes’, na cidade do Rio de Janeiro, a partir de explorações sobre o fenótipo de 195 indivíduos homossexuais do sexo masculino. Considerando o exposto, a investigação tem como objetivo levantar e caracterizar um conjunto de textos verbais e imagéticos, jurídicos e científicos que trata da noção de *normalidade* e *anormalidade* no campo da história da sexualidade sob a luz dos estudos discursivos; analisar os discursos sobre a noção de *sujeito normal* e *sujeito anormal* na obra de Leonídio Ribeiro. Buscamos fazer um levantamento sobre trabalhos que abordaram o tema e a obra na perspectiva discursiva, mas também em outros campos científicos, particularmente nos estudos médicos e antropológicos. A pesquisa é do tipo exploratório e de caráter qualitativo (GIL, 1994), procurando entender que enunciados e representações verbo-visuais constituem um saber médico e antropológico para definir “sujeito anormal” portador do mal “da inversão sexual”, como afirma Leonídio Ribeiro (1938). Posteriormente, fará parte de um estudo mais extenso que segue a linha temática mais ampla a propósito da história das representações sobre sujeito, as línguas e as linguagens, a partir de um projeto de pesquisa maior no terreno da análise do discurso. Os dados parciais apontam para uma mudança história das ideias e dos discursos que constituem a noção de sujeito no campo da história da sexualidade, quando o discurso eugenista já não prevalece no pensamento social contemporâneo, ainda que apareçam enunciados semelhantes.

Palavras-Chave: Discurso; Homossexualismo; Endocrinologia; representações de sujeito.

¹Bolsista PIBID/Iniciação Científica, Graduando em Letras Espanhol/Português como Línguas Estrangeiras pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), gabebezerra@yahoo.com.br.

²Doutor em Linguística, professor adjunto nos cursos de bacharelado em Letras-Artes e Mediação Cultural e licenciatura em Letras, Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras e no CCE - Ciclo Comum de Estudos do Instituto Latino-americano de Arte, Cultura e História (ILAACH/UNILA), Brasil, Foz do Iguaçu-PR. jonuefs@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Quem de nós já não leu ou ouviu ao menos uma das seguintes formulações de enunciados: “Os olhos são o espelho da alma” ou “ele tem cara de bandido”? Estas formulações carregam uma memória que remonta séculos de nossa história e se reatualiza em enunciados que se materializam em textos contemporâneos e falas cotidianas sem que nos questionemos sobre o lugar de onde eles vêm, com quais outros discursos eles mantêm relação, que saberes eles repercutem ou monumentalizam. Estes enunciados têm que ver com outros discursos constituídos no interior de textos científicos ou no campo filosófico e artístico. Na antiguidade, desde os gregos, os estudos do homem a partir da relação entre corpo e alma levaram à constituição de um campo de conhecimento que se voltaram à análise do rosto e de sua vinculação com o seu interior, o mais íntimo de sua subjetividade. Courtine e Haroche (2007) aborda este objeto discursivo no livro *História do rosto*¹, como sendo a fisionomia, ciência sistematicamente produzida por cientistas, filósofos, cientistas, artistas, anatomistas e demais pensadores ao longo dos séculos. O que eles buscavam em comum era a obsessão por estudar o corpo, particularmente, a cabeça e o rosto, milimetricamente procurando quase sempre articular a parte externa do corpo às particularidades da alma. Objetivava-se compreender a psique a partir do visível, do externo e de seu olhar. Mas em que medida a história destas práticas e destes saberes não reflete nos discursos contemporâneos repercutindo ainda hoje em frases como aqueles que apresentamos acima?

Há menos de um século, especificamente, na década de 1930, o médico legista brasileiro Leonídio Ribeiro escreveu o livro *Homossexualismo e endocrinologia* (1938), o mais importante do conjunto de sua obra, segundo Souza Neto (2015), em que uma série de imagens representa os sujeitos definidos como criminosos e delinquentes na cidade do Rio de Janeiro.

Dois anos após a publicação do artigo *O problema médico legal da homossexualidade* (1935), sobre sua primeira corrente de pensamento acerca do comportamento social e sexual da sociedade na Era Vargas – onde atribuía comportamentos sexuais a fatores externos como traumas, criação ou educação – Leonídio Ribeiro tenta desvendar as possíveis causas da homossexualidade numa

vertente biodeterminista. Nesta obra, ele disserta sobre a participação das glândulas endócrinas na constituição da sexualidade humana, bem como a influência da “inversão sexual” no fenótipo dos indivíduos, a fim de relacionar o que chama de “patologia” com predisposições a condutas criminosas. Tendo como mentor o médico e cientista espanhol Gregório Maraño, Leonídio Ribeiro explora a questão como “um problema social a ser resolvido pela medicina”, considerando causas congênitas e orgânicas para estudar e teorizar fenótipos considerados ‘típicos’ desse sujeito “anormal”, uma vez que, nesta anormalidade, o indivíduo foge ao poder do Estado e à moral social burguesa da época, representando ‘perigo’ e, assim, grande necessidade de normalização em prol da lógica do crescimento populacional.

Para seu estudo, foram analisados 195 indivíduos homossexuais do sexo masculino, praticantes da denominada “pederastia passiva”, apreendidos e expostos pelo Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro. Embora haja o recorrente argumento de que a homossexualidade não deva ser considerada como crime e sim como patologia de fundo endócrino, Leonídio Ribeiro sustenta em toda o livro a anormalidade e a inadequação destes sujeitos, ocupando-se de dados fenotípicos considerados particulares a este público para relacioná-los a predisposições a desvios morais. O resultado do estudo não explicita alguma possível cura, mas revela um compilado de imagens chocantes e perturbadoras que abre para discussão a legitimação, o poder e a hegemonia do discurso médico, bem como a soberania estatal que concede autoridade a ponto de expor corpos vivos a julgamento do que é “normalidade” e o que é “doença” e “desvio”. Mas o que torna este discurso tão conciso a ponto de ainda ser reproduzido neste século e em nossa atualidade? A relação entre o discurso e as imagens abre um leque de possíveis análises, a fim de esclarecer a hegemonia científica na superfície de um conjunto de documentos, textos e enunciados onde se materializam discursos e crenças da nossa sociedade, cuja memória de um saber institucional, clínico e médico legitima uma série de outros enunciados, pondo em evidência a representação do discurso autoral no campo da medicina.

1.1 Da definição do objeto de estudos, seu embasamento e a questão de pesquisa

Muito antes do dia 17 de maio de 1990, quando a homossexualidade deixa de ser considerada como patologia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), estudiosos discutiam o assunto como um sério problema social a ser solucionado – ou tratado. Surgido no século XIX, o termo “homossexualismo” invade o século seguinte trazendo a mesma concepção de quando fora cunhado: como pecado, como falha moral ou, como promoveu Getúlio Vargas anos depois em sua ideologia do Estado Novo, uma falha dentro da lógica do crescimento populacional (FERLA, 2005). É neste nicho que Leonídio Ribeiro encontra espaço para levantar discussão sobre as possíveis origens da homossexualidade, na obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, de 1938. Valendo-se do biodeterminismo, o médico discute a participação das glândulas endócrinas na formação sexual do ser humano e a influência da homossexualidade no fenótipo dos indivíduos, a fim de relacionar o que chama de “patologia” com predisposições a condutas criminosas.

Nossa questão de investigação é a seguinte: considerando o exposto acima, como se constitui o discurso autoral do médico no livro *Homossexualismo e Endocrinologia*, a partir da dicotomia “sujeito patológico” e “sujeito normal? Quais são as representações de sujeito sob a ótica de um biopoder sobre os corpos descritos presentes no livro analisado?

1. 2 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa foi estudar os processos de constituição do discurso autoral na obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, de Leonídio Ribeiro, partindo da dicotomia *normalidade e patologia*. Os **objetivos específicos** traçados foram quatro: 1. Levantar e caracterizar um conjunto de textos e documentos jurídicos e científicos que trata da noção de normalidade e anormalidade no campo da história da sexualidade; 2. Analisar os discursos sobre a noção de sujeito normal e sujeito anormal na obra de Leonídio Ribeiro; 3. Fazer um levantamento sobre trabalhos que abordaram o tema e a obra na perspectiva discursiva; 4. Descrever e analisar discursivamente algumas imagens que aparecem no livro. Para esse evento,

apresentamos os avanços e delineamentos dos objetivos 3 e 4, tendo em vista que os primeiros careciam de uma temporalidade prevista em cronograma até o final da primeira etapa da pesquisa que terminará em setembro do presente ano.

3 CARACTERIZANDO O OBJETO DE ESTUDO: DO AUTOR À OBRA ANALISADA

3.1 O Autor: Leonídio Ribeiro Filho

Leonídio Ribeiro Filho, nascido em 1893 na cidade de São Paulo, constrói carreira na medicina tomando como espelho seu pai, também Leonídio, formado em medicina pela Escola da Bahia. Em uma das três biografias que Leonídio escreveu sobre si mesmo, *De médico a criminalista* (1967) – demonstrando, com isso, grande apreço pela própria trajetória – o médico, formado em 1916 pela velha Escola da Praia de Santa Luzia, descreve o pai como sua primeira inspiração compulsória, tendo nas costas o peso do legado que lhe fora passado, principalmente por herdar seu nome. Porém revela que, anos mais tarde, esta influência passa a ser exercida por Afrânio Peixoto (1876-1947), importante médico de sua época – de quem, inclusive, escreveu também uma biografia (Ribeiro, 1950) – e figura notável, que influencia Leonídio a abandonar a pretensão primeira de ser cirurgião para dedicar-se à medicina legal (Ribeiro, 1967, p. 67). Vaidoso, procurava colocar-se em evidência estando em companhia de nomes ilustres – como Afrânio Peixoto, por exemplo – e publicando suas conquistas em autobiografias, como o curso de especialização em Medicina Legal e Higiene, ministrado por ele e dirigido por Peixoto; o posto de professor de Criminologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; o cargo de diretor do Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Distrito Federal, onde criou, em sua gestão, o Laboratório de Antropologia Criminal; e o “Prêmio Lombroso” oferecido pela Real Academia de Medicina da Itália, após Leonídio realizar no laboratório citado “uma série de pesquisas médicas sobre os biótipos dos negros criminosos e homossexuais”. Como sugere o nome do prêmio recebido pelo médico-legista, suas pesquisas demonstram a clara influência de nomes importantes da criminologia

italiana como Lombroso³, Garofalo⁴ e Ferri⁵, que viriam impactar de maneira significativa o pensamento jurídico e médico sobre o povo brasileiro entre o final do século XIX às primeiras décadas do século XX. Influenciando autores brasileiros como Afrânio Peixoto (1876-1947), Oscar Freire (1882-1923) e Arthur Ramos (1903-1949), inspira também a Leonídio Ribeiro por tabela, que se vale bastante dos fundamentos da Antropologia Criminal em seus textos sobre o “homossexualismo” (GUTMANN, 2010).

A partir dos trabalhos realizados no laboratório criado por ele, Leonídio Ribeiro lança o livro “Homossexualismo e Endocrinologia”, publicado em 1935 e lançado em 1938, com prefácio de Gregorio Marañón, um dos nomes mais importantes da medicina espanhola no século XX. Nesta obra, o legista explora a relação entre sexualidade, criminologia e endocrinologia a partir do estudo fenotípico dos corpos de “195 homossexuais profissionais”, como denomina o próprio médico.

3.2 O livro *Homossexualismo e Endocrinologia*

Considerando que a homossexualidade, ao contrário do pensamento predominante na época, não tinha relação com pecados, vícios ou crimes – pensamentos estes considerados preconceituosos pelo médico – e sim, razões endócrinas, Leonídio Ribeiro lança o livro “*Homossexualidade e Endocrinologia*” em 1938. Acreditando ser um problema que merecia atenção dado o número de casos subsequentes que surgiam em todo o mundo, o médico acompanhou os trabalhos iniciados por Harvelock Ellis, Westphal, Esquirol, Pinel e Lombroso, importantes nomes da psiquiatria no final do século XIX ao início do século XX. Cita o notório episódio do julgamento do escritor Oscar Wilde, preso em 1895 acusado de praticar

³ Cesare Lombroso (1835 - 1909, Itália) foi um psiquiatra e pioneiro na área da criminologia, sendo considerado o “pai” desta ciência. Sua obra mais famosa, “*L'uomo Delinquente*”, de 1876, traz teorias acerca de ideias darwinistas da evolução para explicar o comportamento criminoso, considerando estigmas físicos e diferenças étnicas para definir perfis humanos predispostos à prática de crimes. (Fonte: CARRÀ, Giuseppe; BARALE, Francesco. Cesare Lombroso, MD, 1835-1909. 2004.);

⁴ Raffaele Garofalo (1851 - 1934, Itália) foi um jurista e criminólogo, um dos mais importantes da escola criminal positiva de sua época. Foi empossado senador da Itália em 1909. (Fonte: WIKIPÉDIA (Org.). Raffaele Garofalo.);

⁵ Enrico Ferri (1856 - 1929, Itália) foi criminologista, político italiano e co-fundador da Escola Italiana de Criminologia Positiva, juntamente com Lombroso e Ferri. (Fonte: WIKIPÉDIA (Org.). Enrico Ferri.)

“atos de pederastia”. Aplicando suas teorias sobre o poeta, Leonídio Ribeiro relembra depoimentos acerca do físico de Wilde que poderiam comprovar a ‘causa de suas perversões sexuais’. Descrevendo Wilde como uma pessoa de aspecto “efeminado, boca espessa, quasi disforme, inspirava repugnância”, e considerando que características como “a fronte nobre, o nariz delicadamente cinzelado, os olhos luminosos” traíam sua inteligência superior, trazendo desapontamento aos que o conheciam (RIBEIRO, 1938, p. 74), Leonídio Ribeiro introduzia suas teorias acerca dos homossexuais brasileiros. Citar um nome importante como Oscar Wilde parecia a chave para chamar atenção à relevância da problemática, mas a partir deste ponto, o objeto de estudo do autor não é mais nomes notáveis da sociedade, mas sim homens marginalizados da cidade do Rio de Janeiro, descritos com muito menos poesia do que como Wilde fora exposto.

Foram estudados, sob o ponto de vista biotipológico, como diz o autor, 195 indivíduos do sexo masculino, identificados como “homossexuais profissionais” praticantes de “pederastia passiva”, para a obtenção de dados a fim de explicar a “inversão sexual masculina” no Brasil. Utilizando-se de estudos anteriores – como por exemplo um experimento feito com galináceos, interferindo em suas atividades endócrinas – fotografias, medições e observações a olho nu, Leonídio Ribeiro trará comparações destes indivíduos a nomes como o de Febrônio Índio do Brasil, assassino em série cujos crimes tiveram grande repercussão pelos requintes de sadismo e crueldade. Além disso, traz também pontos de vista da psicologia que descrevem características consideradas típicas dos “invertidos”, além de relatos de casos entre indígenas, marinheiros, em presídios e inclusive em camadas sociais privilegiadas, que parecem ser a real preocupação para que se encontre os motivos da homossexualidade.

Sustentando a teoria de que a “inversão sexual” não tinha caráter moral e, sim, clínicos, Leonídio Ribeiro sugere o tratamento médico-pedagógico e a adoção da teoria de Marañón de incluir a homossexualidade entre os “estados intersexuais”, para provar que se trata de “uma consequência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna” (RIBEIRO, 1938, p.169). Além do experimento com galináceos, traz como exemplificação dessa afirmativa os casos de transplantações

testiculares em indivíduos eunucos por decorrência de lesões pós-guerra, que teriam adquirido “defeitos da castração, como o eunucoidismo e a inversão sexual” e teriam sido “corrigidos” após o procedimento. Contudo, considera também medidas pedagógicas baseando-se nas teorias do psicanalista William Stekel de que os pais seriam os primeiros responsáveis em corrigir a conduta sexual de suas crianças, evitando que tenham “uma educação sexual adequada ao sexo oposto”, e que em casos de crianças do sexo masculino que vivem apenas com a mãe, que seja então afastada da família, a fim de evitar influências femininas. Leonídio também aponta como fator condicionante o meio artístico e literário, “que é mais frequente essa anomalia” (1938, p.178), onde supostamente havia grande número de homossexuais preocupados em ‘inverter’ cada vez mais pessoas, através de romances destinados à “mocidade desprevenida”.

4. ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

4.1 Da definição do tipo da pesquisa

Esta pesquisa é do tipo exploratório e de caráter qualitativo (GIL, 1994), cujo objeto será analisado tanto no âmbito teórico quanto no âmbito de sua emergência em textos jurídicos, oficiais e científicos e em outras materialidades discursivas. Este estudo faz parte de um estudo mais amplo que segue a linha temática mais ampla a propósito da história das representações sobre sujeito, a partir de um projeto de pesquisa maior sobre discurso, imagens e representações interculturais, liderado pelo coordenador do projeto, professor Jocenilson Ribeiro dos Santos no interior do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise do discurso - imaGine/CNPq.

4.2 Dos procedimentos de estudo e a construção do arquivo

Numa primeira etapa, foi realizada a leitura da obra *Homossexualismo e Endocrinologia*, fundamental para compreensão do objeto de estudo e embasamento de algumas hipóteses de caráter discursivo. Além disso, outros livros como *A Ordem do Discurso* ([1971] 2005) foram lidos em reuniões do grupo de pesquisa IMAGINE, sob orientação do professor Jocenilson Ribeiro dos Santos, esclarecendo questões de definição do que vem a ser “análise de discurso”, sua relação com a noção de

instituições, acontecimento discurso, sujeito etc. Ao longo das discussões e leituras, pudemos identificar algumas questões de construção de linguagem no discurso do autor Leonídio Ribeiro em sua obra, sobretudo a respeito da questão de discurso e de sujeito sempre em relação com a história e a natureza ideológica do discurso materializado na língua e nas diversas linguagens.

Num segundo momento, foram realizadas pesquisas nos bancos de dados Portal CAPES e SciELO com as palavras-chave “Leonídio Ribeiro” e “homossexualismo e endocrinologia”, acerca de se perceber o impacto da obra em produções científicas e seu alcance em possíveis outras áreas do conhecimento além da medicina. O produto do resultado dessa busca se encontra na Tabela 01 em anexo.

Foram encontrados catorze (14) artigos citando diretamente a obra *Homossexualismo e Endocrinologia* em diversas áreas do conhecimento, como medicina, antropologia, história, sociologia, literatura, psiquiatria, economia e música. Diante desses resultados e recobrando as leituras feitas previamente, percebe-se como o discurso do autor perpassa âmbitos, campos científicos e sujeitos diversos, sendo a análise deste impacto um dos objetivos desta pesquisa.

4.3 A análise do discurso: discurso e enunciado

Segundo a linguista Eni Orlandi, a análise do discurso (AD) não se trata da língua, nem da gramática ou dos textos reduzidos a si mesmo, tampouco um processo reduzido à comunicação, mas unicamente do discurso, palavra cuja etimologia tem por definição “correr por”, sugerindo assim que o discurso é “palavra em movimento” (ORLANDI, 2009). No estudo do discurso, observa-se o homem falando a fim de compreender a língua fazendo sentido no contexto social, histórico e simbólico que o constrói. A AD será, então, a mediação entre o homem e a realidade que o cerca, onde sua relação com os processos ideológicos materializados na língua e nas diversas imagens interpelam os indivíduos em sujeitos. Essa realidade será sempre questionada e percebida por esse sujeito, que fará suas interpretações com base nas ideologias constituídas ao longo da trajetória sócio-histórica desse indivíduo, colocando-o numa relação imaginária com suas condições materiais de existência. Para Orlandi (2009), a associação entre sujeito, língua e história é fundamental para

constituir sentido à sua realidade, uma vez que linguagem, mundo e pensamento, no imaginário do sujeito, relacionam-se com a intervenção dessas ideologias. Ela vai afirmar que “Não há realidade sem ideologia” (ORLANDI, 2009, pg. 48).

E considerando também as palavras de Michel Foucault acerca da interdição, no livro *A ordem do discurso* (1971), separação e vontade de verdade desse sujeito, seu discurso sempre será perpassado por aquilo que não se deve ser dito e o que se seria pertinente dizer, e não apenas pelo discurso em si, mas pelo que se deseja construir e constituir nele/com ele. É aí que se percebe a relação de poder do sujeito enunciador, afinal, a depender do seu *status* social, os enunciados produzidos por ele poderão ter nenhum impacto – como o discurso do louco, pela oposição “razão *versus* loucura” – ou ter impacto significativo, como os discursos científicos, jurídicos, religiosos e literários (FOUCAULT, 1971).

E através das teorias foucaultianas acerca da “logofilia” – o sentimento nascido da educação familiar e em meios socialmente validados por uma série de procedimentos – e da “logofobia” – a angústia do não-reconhecimento – podemos imaginar como o discurso de um médico ecoa mais do que o dos seus pacientes; ou, como o discurso de alguém privilegiado socioeconomicamente perdura mais que o discurso do marginalizado.

4.4 A construção do arquivo da pesquisa e a noção de discurso

A partir das noções de ‘discurso’ e ‘sujeito’ provenientes das leituras prévias, o levantamento começa, *a priori*, apenas com a leitura do livro *Homossexualismo e Endocrinologia* (1938) e observação das imagens dispostas nele. Alguns enunciados foram selecionados para análise sob o critério de demonstração clara da ideia do autor acerca de “sujeito normal” e “sujeito anormal”, expressa a partir da escolha dos vocábulos e dos métodos utilizados para construção do objeto de estudo. Ademais, foram selecionadas imagens que ilustram visualmente a ótica do autor acerca daqueles que considerava como amostragem de suas teorias.

Para esta pesquisa, adotamos como abordagem teórico-metodológica os pressupostos da análise do discurso que toma o discurso como efeito de sentidos

entre os sujeitos, inscrito y situado socio-historicamente, conforme apresenta Michel Pêcheux, mas principalmente o discurso como forma material da língua e de outros sistemas semióticos constituídos por enunciados. O discurso é um conjunto de enunciados carregados de sentidos no interior de uma dada formação discursiva.

Nesse sentido, Foucault (2008, p.55) afirma:

gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

É nesse sentido que passamos a analisar os enunciados com o intento de capturar as formas materiais de produção, constituição e circulação de discursos acerca do sujeitos descritos e representados por Leonídio Ribeiro, identificando aqueles que se apresentam em uma certa regularidade. É, pois, nessa regularidade que percebemos a natureza da formação de discursos ao longo da história mesmo no interior da medicina. É preciso lembrar que tais regularidades obedecem a regras de formação a uma dada ordem dos discursos, e sempre relacionada a práticas discursivas, como o próprio Foucault nos chama a atenção nas aulas reunidas na coleção *Os anormais*, lecionadas entre 1974 e 1975, período em que o filósofo se dedicou mais especificamente ao tema em seus cursos.

Os enunciados têm existência material e existem em função dessas práticas discursivas, deixando de ser concebido como entidade abstrata. O enunciado, nesse sentido, é uma função como afirma Foucault (2008, p.98): “não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos no tempo e no espaço.

5 ANÁLISE DO CORPUS DE SELECIONADOS

Nas sequências discursivas aqui selecionadas, observamos o modo como o autor Leonídio Ribeiro mobiliza em seu léxico médico e legalista à época para representar os sujeitos. Há então nestas práticas, sob a prerrogativa do discursivo científico médico, o hábito descritivo de dizer sobre os sujeitos, descrevendo-os, estudando-os, medicando-os dentro de uma retórica marcada por uma dicotomia “saúdável X enfermo”. E nessa dicotomia se busca enquadrar determinados corpos “anormais”, como os das pessoas “de cor”, os negros e afrodescendentes, os indígenas, os doentes mentais, os portadores de necessidades especiais, os portadores de doenças congênitas, os que não se enquadravam na concepção médico/biológico normativa de “homem” e “mulher”. Aliada a esses discursos, o discurso religioso define a moral descrita no interior do discurso científico, médico e jurídico, quando primeiramente se vigia os corpos para depois puni-los quando estes fogem às regras dos jogos, das práticas e dos discursos definidos pelo estado, pelas instituições, pelos médicos, psiquiatras e pelo outro.

Ao referir-se ao escritor britânico Oscar Wilde, como sendo *“um artista de genio, que sofreu todos os castigos e martírios, em seu proprio paiz, que se contava entre os povos mais civilizados do mundo”*, Ribeiro (1938) faz ecoar as trágicas violências que sofreu em seu país sob as penas de ter “infligido” às regras de uma moral prescrita por uma sociedade vista como civilizada. As questões de ordem da sexualidade que fugiam a estas regras colocam diametralmente o escritor e qualquer um que tivesse as mesmas características em oposição ao discurso higienizador da época. O discurso científico e o jurídico estavam, evidentemente, atravessado pelo discurso religioso que também definia o “homem normal” e o “homem anormal”. Assim, conforme relata L. Ribeiro: *“Sua atitude irreverente e agressiva, contra as ideias de moral daquelle tempo, os gestos e depoimentos impertinentes no Tribunal, a própria historia de sua vida, depois do casamento, a indiferença pelo filhos, tudo estava a indicar que não se tratava de um homem completamente **são** e **normal**.”* (grifos nossos). A concepção de sanidade e normalidade são trazidos em seu livro para

defender o fato de que qualquer um, mesmo aqueles advindos das sociedades mais “civilizadas”, é passivo de sofrer a efermindade congênita e amoral da sexualidade desviante, como expõe o endocrinologista brasileiro.

As sequências enunciativas 02 e 03 do mesmo modo vêm corroborar com aquele que observamos ao longo da pesquisa. Trata-se de um processo descritivo dos corpos tendo como percurso metodológico de análise a oposição dos sujeitos anormais e dos normais para descrever as questões de ordem de cor e fenótipo étnico e de ordem da sexualidade “desviante”, diaga-se de passagem.

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA (01) “Essa é a historia, triste e dolorosa, de um artista de genio, que sofreu todos os castigos e martírios, em seu proprio paiz, que se contava entre os povos mais civilizados do mundo, apesar das ideias empiricas e dos preconceitos injustos ali reinantes sobre o assunto.

Sua atitude irreverente e agressiva, contra as ideias de moral daquelle tempo, os gestos e depoimentos impertinentes no Tribunal, a própria historia de sua vida, depois do casamento, a indiferença pelo filhos, tudo estava a indicar que não se tratava de um homem completamente são e normal. Mas esses elementos não seriam suficientes para permitir um diagnostico medico, sobre a causa de suas perversões sexuais. Isso, entretanto, é o que agora vae sendo feito, diante de alguns depoimentos sobre seu fisico que realmente apresentava sinaes denunciadores de alterações da formula endocrínica, capazes de explicar suas atitudes anormais.” (RIBEIRO, 1938, p. 73, sobre Oscar Wilde)

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA (02) “Convém, todavia, não esquecer que nem todos os homosexuaes praticam o ‘immissio pênis in anum’. A muitos repugna tal prática, por imunda e aviltante. Estes amam o macho com dignidade. E’ o que descreve Edward Carpenter, no seu famoso ‘The Intermediate sex’. Ademais, a crítica usual aos homosexuaes é improcedente, sobre ser absurda. Onde os normaes? Sel-o-ão os chamados activos? Serão, porventura, os parceiros dos homosexuaes? Ele serão normaes, realmente?

O livro de André Raffalovich continua a ser o nosso breviário. Ali está um código da moral que nós devemos seguir. Nem todo homossexual vive pelas ruas, á noite, a procura de aventuras. Há-os de outra casta. E dignos de respeito, em sua desgraça. E intelectualmente superiores a tantissimos pseudo-normaes. O “anima mulieribus in corpore viril inclusa” é falso. Ninguém mais o admite. Os aormaes (risun teneatis).... [...]

Estive na Alemanha, em 1926 e, em Leipzig, conheci diversos homosexuaes insignes. Um deles, cirurgião notável, autor de varias obras sobre a sua especialidade. Tinha então 32 anos e vivia com um jovem violinista, de 30 anos aproximadamente. Toda a cidade conhecia-os. E, sem embargo, foram sempre respeitados. Mas isso era na Alemanha. Mais uma vez, piedade para eles! Piedade para mim!”

(RIBEIRO, pg. 97, carta recebida pelo médico Estácio de Lima, da Faculdade de Medicina da Bahia, após uma conferência sobre o assunto)

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA (03): “A pretensão dos homossexuais e de outros perversos, de se julgarem seres excepcionaes, desaparece diante do fato de que não há um so neurótico que não apresente tendências homossexuais. E ainda mais, muitos dos sintomas neuróticos apenas traduzem a inversão em estado latente. A própria paranoia, segundo esta teoria, não passa de uma tentativa de repressão de impulsos homossexuais muito violentos.” (pg. 129, parecer do psiquiatra Murillo de Campos sobre o quadro de Febronio)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referente pesquisa, com intuito de analisar os discursos presentes no livro *Homossexualismo e Endocrinologia*, do médico Leonídio Ribeiro, e sua concepção de sujeito normal e anormal, mostra-se mais necessária e atual conforme seu andamento. Além do reflexo no campo científico, não é difícil perceber paráfrases de suas ideias nos dias atuais, a julgar tanto pela referência científica encontrada mais recente, de 2018, quanto por falas cotidianas que ouvimos, principalmente no campo religioso com tendência conservadora. Apesar de a medicina já ter superado esta problemática – retirando a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) em 1973 – as ideias de Leonídio Ribeiro surpreendentemente ecoam no imaginário do século XXI, e o fio condutor desse discurso, fomentado nos anos 30, é a nossa interrogação. O que faz essa ideia de sujeito perdurar até então? O que, e quem, endossa esse discurso? Quais outros discursos se apresentam na memória dos dizeres e das representações verbo-visuais nos dias de hoje? Essas questões e outras mais que virão a surgir nortearão o seguimento desta pesquisa.

Por fim, queremos deixar como reflexão a fim de provocar novas questões de pesquisa um trecho da fala do então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, ainda eputado federal pelo Rio de Janeiro ao conceder uma entrevista ao programa Participação Popular, TV Câmara, em 18 de novembro de 2011. Ele então afirmou: “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele,

certo? [...] Já ouvi de alguns aqui [...] Olha, ainda bem que levei umas palmadas. Meu pai me ensinou a ser homem.”

REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. **Histoire du visage**. Exprimer et taire ses émotions (du XVI siècle au début du XIX siècle) (1988). Paris: Payot-Rivages, 2007

ENGEL, Magali Gouveia. **Sexualidades interditadas**: loucura e gênero masculino. Hist. cienc. Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, supl. p. 173-190, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.

FERLA, Luis Antonio Coelho. **Feios, sujos e malvados sob medida**: do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945). 2005. 379 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Econômica, USP, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26052005-184255/pt-br.php>>. Acesso em: 15 jan. 2019

FIGARI, Carlos Eduardo. **Escritos en el cuerpo Higienismo y construcción médica de la homosexualidad en el Brasil Republicano (1889-1940)**. Antipod. Rev. Antropol. Arqueol., Bogotá, n. 3, p. 23-52, June 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-54072006000200004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: Aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **História da Sexualidade**: A vontade de saber. São Paulo: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. Os anormais. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma Trajetória Filosófica**. Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRY, P. **Febrônio Índio do Brasil**: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: Caminhos Cruzados. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000. 541 pp. Portuguese translation of Beyond Carnival. Awarded the Cidadania em Respeito à Diversidade [Citizenship Respecting Diversity] Book Award, São Paulo, 2001. _____ “Homosexuality, Eugenics, and Race: Controlling and Curing “Inverts” in Rio de Janeiro in the 1920s

and '30," זמנים]Times] School of History, Tel Aviv University, Israel, no. 80 (Fall 2002): 18-30.

GUTMAN, Guilherme. **Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 13, n. 3, p. 482-497, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.

MELLO, Luiz; BRITO, Walderes; MAROJA, Daniela. **Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades**. Cad. Pagu, Campinas-SP, n. 39, p. 403-429, Dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso**.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. São Paulo: Cortez editora, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas-SP: Editora Pontes, 2009.

RIBEIRO, Leonídio. **Homossexualismo e Endocrinologia**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. **Ciência homossexualismo e endocrinologia**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 13, n. 3, p. 498-511, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2019.

VERGARA, Jorge. **Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade**. Revista Vórtex, [S.l.], v. 3, n. 2, dez. 2015. ISSN 2317-9937. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/889>>. Acesso em: 10 Jun. 2019.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

ANEXO 01

Tabela 01: Relação do nome do autor com os campos de conhecimentos/discurso científico

No	ANO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO ACADÊMICO	PALAVRAS -CHAVE	LOCAL PUBLIC PESQUISA	ÁREA DE CONHECIMENTO
3	1938	Leonídio Ribeiro	Homossexualidade e Endocrinologia	Livro	Homossexualismo, endocrinologia, medicina legal, Leonídio Ribeiro	Petrópolis (RJ)	Medicina
4	1982	Peter Fry	Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei	Livro	Febrônio, psiquiatria, homossexualidade, antropologia, Leonídio Ribeiro		Linguagem, antropologia e ciências naturais
5	1999	James N. Green	Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo (Beyond carnival. Male homosexuality in twentieth-century Brazil)	Livro	Brasil; homossexualidade masculina; sociologia, Leonídio Ribeiro	São Paulo	Sociologia
6	2003	James N. Green	Homosexuality, Eugenics, and Race: Controlling and Curing "Inverts" in Rio de Janeiro in the 1920s and '30	Artigo	Homosexual, eugenics, race, inverts, Leonídio Ribeiro	California State University, Long Beach	História latino-americana

IV Seminário Internacional (SINEL) e
V Seminário Nacional em Estudos da Linguagem (SNEL)

7	2005	Luis Antônio Coelho Ferla	"Feios, sujos e malvados sob medida - do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)"	Tese doutoral	antropologia criminal, controle social, determinismo biológico, história das ciências, história do direito penal, Leonídio Ribeiro	USP-SP	Economic History
8	2006	Carlos Eduardo Figari	ESCRITOS EN EL CUERPO Y HIGIENISMO CONSTRUCCIÓN MÉDICA DE LA HOMOSEXUALIDAD EN EL BRASIL REPUBLICANO (1889-1940)	Artigo de Investigación	Homosexualidad, discurso médico, higienismo, abyección, Brasil, Leonídio Ribeiro	Universidad Nacional de Catamarca, Argentina	Humanidades
9	2008	Magali Gouveia Engel	Sexualidades interditadas: loucura e gênero masculino	Artigo	sexualidade; loucura; gênero masculino; Brasil, Leonídio Ribeiro	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Saúde
	2009	Bóris Ribeiro de Magalhães Thiago Teixeira Sabatine	Políticas públicas, justiça e homofobia: índices de mensuração para o reconhecimento do direito à sexualidade no Brasil	ARTIGO	Políticas de segurança pública; observatório de segurança pública da UNESP	UNESP-SP	Ciências Sociais
10	2010	Guilherme Gutmann	Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro	Artigo	Leonídio Ribeiro, criminologia, medicina legal, homossexualismo, escola Nina Rodrigues	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental - SP	Psiquiatria

IV Seminário Internacional (SINEL) e
V Seminário Nacional em Estudos da Linguagem (SNEL)

11	2010	Leonídio Ribeiro	Ciência, homossexualismo e endocrinologia (Conferência realizada na Sociedade Brasileira de Criminologia)	Conferência realizada na Sociedade Brasileira de Criminologia	Leonídio Ribeiro, homossexualismo, endocrinologia	Revista Latinoamericana de Psicopatologia - SP Fundamental	Psiquiatria
12	2016	Jésio Zamboni	Educação Bicha: Uma A(Na[L])Rqueologia Da Diversidade Sexual	TESE DOUTORAL	bicha;diversidade sexual;educação; Leonídio Ribeiro	UFES - ES	História, sociedade e cultura
13	2018	Jorge Vergara	"Homofobia e efeminação na literatura brasileira: o caso Mário de Andrade"	ARTIGO	Homofobia; Efeminação; Revista de antropofagia; Dom Casmurro; Mário de Andrade, Leonídio Ribeiro	UFPR-PR	Literatura Brasileira
14	2018	Jorge Vergara	Toda canção de liberdade vem do cárcere: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade	TESE DOUTORAL	Mário de Andrade – Preconceito – Homofobia – Racismo – Musicologia, Leonídio Ribeiro	UniversidadeFederal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO	Música